

Efemeridade e permanência no *Livro de crônicas*, de António Lobo Antunes

INARA DE OLIVEIRA RODRIGUES
UNIFRA



No mundo contemporâneo, à modernista vertigem das horas sobrepõe-se novos e ainda indiscerníveis paradigmas que, por isso mesmo, tornam mais aguda a fragilidade de qualquer ideia de permanência para os sentidos da existência. Nesse processo, contudo, não cessa a necessidade humana de ficcionalizar novos tempos e espaços, por meio das mais diversas expressões artístico-culturais, a partir das quais, mais ou menos refratariamente, pode-se refletir sobre o presente.

No caso da arte literária, especificamente, a capacidade da literatura de representar a vida constitui-se em uma questão recorrente nos estudos literários, não escapando, assim, de sua própria historicidade. Entre as discussões sobre a concepção aristotélica de mimese, as proposições mais ou menos sociológicas e as eminentemente textualistas sobre o fenômeno literário, a dimensão dialógica da obra literária com a realidade em que se insere sempre cobrou sua relevância.

Em um tempo discursivamente marcado pela falta de tempo, por espaços fechados que se abrem em vastidões de concreto no movimento deslizante de portas automáticas, pelas informações incessantes e caleidoscópicas, rápida e facilmente acessadas/divulgadas por meios eletrônicos, e que acabam desafiando a própria comunicabilidade, a efemeridade das relações afetivas torna-se um aspecto especialmente preocupante nesse contexto de virtuais e fugazes possibilidades de encontro humano. Diante disso, parece fundamental reconhecer, cada vez mais, a importância da literatura por permitir que, a partir da criação de textos ficcionais, o homem consiga narrar-se e, assim, tecer (termo etimologicamente associado a texto) fios capazes de revelarem imagens críticas sobre si mesmo.

Gênero narrativo de constituição híbrida entre a linguagem literária e jornalística, a crônica associa-se, como um de seus traços mais singulares, à narração do curso mais ou menos imediato dos acontecimentos humanos, propiciando uma leitura rápida, quase descar-

tável, pois seu meio tradicional de veiculação é o jornal ou periódico. Porém, tal característica não diminui sua importância, como observa Antonio Candido, já que ela

está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas (1992, p. 14).

A partir do momento em que é compilado em livro, contudo, tal gênero narrativo resgata sua perenidade, assumindo um caráter organizacional que permite, assim, uma leitura mais atenta e profícua:

Nessa mudança de suporte, que implica a mudança de atitude do consumidor, a crônica sai lucrando. As possibilidades de leitura crítica se tornam mais amplas, a riqueza do texto, agora liberto de certas referencialidades atua com maior liberdade sobre o leitor – que passa a ver novas possibilidades interpretativas a partir de cada releitura (SÁ, 1987, p. 85).

Diante dessas considerações, afirmando-se a importância da crônica como tecido narrativo capaz de instigar, em profundidade, reflexões sobre a realidade com a qual dialoga, foram selecionados, para análise, textos do *Livro de crônicas* (1998), de António Lobo Antunes. Tal seleção foi realizada tendo-se em vista analisar a seguinte questão: se a crônica, gênero marcado pela brevidade e aparente simplicidade, problematiza a realidade contemporânea em que as relações humanas parecem pautar-se pelo efêmero, como se dá essa problematização na cronística do referido autor português?

Para efetivar-se a resolução desse questionamento, dividiu-se este texto em duas partes: na primeira, apresenta-se um breve panorama teórico e histórico sobre crônica; na segunda, desenvolve-se propriamente a análise sobre textos de Lobo Antunes, que fazem parte da obra já citada, a partir da temática explicitada.

I

Por sua própria etimologia, derivada do grego *kronós*, a crônica é um gênero narrativo que se prende à temporalidade. Destinada, originalmente, a registrar cronologicamente os acontecimentos dos reinos portugueses, configurou-se, posteriormente, como o relato dos viajantes pelo Novo Mundo e, a partir do século XIX, sofrendo as transformações da inserção da subjetividade do narrador, ganha as principais feições que apresenta hoje.

De uma forma geral, são seus elementos constituintes, desde essa virada dos oitocentos, a brevidade, o estilo coloquial, certa dose de humor, mais ou menos irônico que dá, à leitura dos fatos marcantes do cotidiano sobre os quais se debruça, uma tonalidade de análise crítica. Por esse espelho formado pelos olhos e ouvidos atentos dos cronistas, a realidade vai sendo refletida de maneira multifacetada e, não poucas vezes, coberta pelo “manto diáfano da fantasia”, em lembrança ao ferino cronista que foi Eça de Queirós. Desse hibridismo entre a linguagem literária e a linguagem jornalística, afirma-se um texto que tem seu lugar garantido entre as mais relevantes expressões artístico-culturais da atualidade.

No seu desenvolvimento, a crônica está ligada diretamente à difusão da imprensa, compondo inicialmente o folhetim,

ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas, literárias. [...] Aos poucos o ‘folhetim’ foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje (CANDIDO, 1992, p. 15).

Essa caracterização como folhetim inaugura a crônica moderna em Portugal e no Brasil. No caso do primeiro, que aqui mais imediatamente interessa, escritores como Garrett e Camilo Castelo Branco ocupavam esse espaço para comentar questões sociais, econômicas, costumes, enfim, repercutir os fatos de seu tempo mais imediato. Na esteira das concepções programáticas do Realismo, são significativas as considerações do já mencionado Eça, para quem a crônica é *para o jornalismo o que a caricatura é para a pintura: fere, rindo; espedaça, dando cambalhotas; [...] procede pelo escárnio e pelo ridículo, e o ridículo em política é de boa, é de excelente guerra* (QUEIRÓS apud RODRIGUES, 2004, p. 11).

O processo de combate, no entanto, foi perdendo o cariz tão agudo que possuía e, ao adentrar propriamente para as páginas dos jornais, passou a apresentar uma maior elasticidade de interesses temáticos. Seguindo-se as afirmações de Venâncio (2004), não se pode desconsiderar o longo período da ditadura salazarista (de 1928 a 1974), que fez arrefecer essa veia mais combativa da crônica. Ao fazer

um levantamento dos temas mais usualmente enfocados ao longo do século XX, na crônica portuguesa, o mesmo autor aponta a crônica de costumes, dos episódios do cotidiano, a voltada para discussões mais pontualmente culturais e a crônica que tematiza a própria crônica; nesse último caso, *esse subgênero, auto-reflexivo, é de suma importância ao revelar, ainda que sob um, frequentíssimo, ar desdenhoso, fundas e recorrentes preocupações* (VENÂNCIO, 2004, p. 11).

Não escapa, portanto, ao gênero, a dimensão crítica e reflexiva do momento captado pelo texto, e ainda que se expresse de forma leve e descontraída, essa narrativa tem como material a vida:

Tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do sonho ou da piada que nos transporta ao mundo da imaginação. Para voltarmos mais maduros à vida, conforme o sábio (CANDIDO, 1992, p. 20).

Para isso, para tornar sua matéria um espaço de leitura crítica e criativa, o cronista vale-se de muitas estratégias literárias: alguns textos podem ser definidos como diálogos, outros *parecem marchar rumo ao conto, à narrativa mais espaiada com certa estrutura de ficção [mais marcada], ou parecem anedotas. [...] Nalguns casos, o cronista se aproxima da exposição poética ou de certo tipo de biografia lírica* (CANDIDO, 1992, p. 21). Em todos esses casos, o importante é que se compreenda, como adverte Jorge de Sá (1987), que não existe hierarquização de valor entre o texto narrativo desse gênero em foco com outros gêneros ficcionais, como o romance ou o conto. Com suas prerrogativas específicas, a crônica, sendo *predominantemente voltada para o urbano, não abandona o rural; centrada no particular efêmero, caminha para a universalidade mais duradoura [...]* (SÁ, 1987, p. 77).

Desse modo, abarcando as várias facetas da vida, os textos dos cronistas vão ganhando a adesão cada vez maior dos leitores desse tempo de leituras fragmentadas e dos apelos audiovisuais de toda ordem. Distinguem-se, assim, também por apresentarem-se tanto como produto facilmente consumível, massificado, quanto espaço de construção artística que revela um novo ângulo sobre a aparência uniformizada do cotidiano.

Quando reunidas em livro, contudo, as crônicas ganham uma perenidade que potencializa a profundidade de sua leitura. Ao escaparem da contingência da periodicidade dos dias, transformam-se em páginas sempre prontas a receberem uma análise mais sistêmica na busca de seus sentidos, no embate sempre instigante da palavra com sua tentativa de representar o mundo.

Na sequência deste trabalho, a próxima seção intenta, justamente, contribuir com a formulação de sentidos para um conjunto de crônicas que, reunidas em livro, permitem uma reflexão sobre a efemeridade das relações

afetivas na realidade contemporânea. Trata-se de um tema que também ganha contornos de universalidade quando examinado sob a ótica de fundo do pulsar dos desejos humanos.

II

António Lobo Antunes lançou seus dois primeiros romances, *Memória de elefante* e *Os cus de Judas*, simultaneamente em 1979, com poucos meses de intervalo. A eles seguiu-se *Conhecimento do Inferno* (1980), obra que fecha um primeiro ciclo, que seria o de aprendizagem, segundo o autor. Começando por *Explicação dos Pássaros* (1981) e encerrando-se com *As Naus*, de 1988, seu sétimo romance, estabelece-se o ciclo seguinte que, de acordo com Lobo Antunes, é o das epopéias, *no qual o país é a personagem principal; e [...] o terceiro [...], uma mistura dos dois ciclos anteriores, e que eu chamaria a Trilogia do Benfica*.¹ Os textos posteriormente publicados, que desafiam classificações de gênero, embora se convencie a definição alargada de romances, refletem sobre, de acordo com Eunice Cabral (2003, p. 365) *a família atingida pela desagregação fundamentalmente social, apesar de essa derrocada ser dita através de uma sensibilidade subjetiva*. E tal perspectiva temática encontra-se mesmo no seu último romance, *O arquipélago da insônia* (2008), para o qual é igualmente válido considerar que *a temática familiar não contraria a representação de um espaço social de enquadramento [...] como um conjunto de forças desencontradas em busca de uma identidade* (CABRAL, 2003, p. 365).

Entretanto, a maior parte da crítica reconhece que o tema e a protagonista recorrente nas obras desse escritor seria mesmo a linguagem, com parágrafos que se concentram em vários planos temporais, de pontuação rarefeita e diálogos sobrepostos. A narração, de modo geral, dilui-se em acordes polifônicos, repletos de uma ironia muitas vezes corrosiva, sempre acompanhada de certa veia humorística e de uma desconcertante criação de imagens.²

Tal densidade estilística estaria associada, para alguns, ao próprio novo momento histórico em que se insere a escrita de Lobo Antunes, considerando-se o autor, indiscutivelmente, um dos maiores nomes da “Geração de Abril”. Essa designação que se pode bem aceitar, ainda que apenas para fins de operacionalização analítica, é defendida por Maria de Lourdes Netto Simões (1998, p.2),

para indicar o grupo *de ficcionistas que vivenciaram o período revolucionário (antes, durante e depois) e que literariamente nasceram entre os anos sessenta e oitenta*. Isso significa, principalmente, que esses escritores se voltaram para uma criação literária mais agudamente consciente de sua configuração como arte(-)fato, evidenciando-se o estímulo à própria elaboração do fazer literário, correspondendo, inevitavelmente, a um maior exercício de construção da própria leitura.

Se tais considerações são válidas para os romances de Lobo Antunes, o mesmo pode-se dizer de suas crônicas. Reunidas em livro, no ano de 1998, originalmente publicadas no jornal *O público* (de 1993 a 1998), elas dão conta de um universo temático amplo, trabalhado com o rigor da construção estética e linguística que marcam o seu reconhecido e singular estilo autoral.

Uma constatação geralmente recorrente quanto à escrita de autores que transitam entre os gêneros da crônica e do romance, leva em conta que o primeiro (a crônica) tende a expressar-se como uma espécie de ensaio na configuração das estratégias narrativas para a elaboração do segundo. Dito de outro modo,

[...] a crônica tem um ar de aprendizado de uma matéria literária nova e complicada, pelo grau de heterogeneidade e discrepância de seus componentes, exigindo também novos meios linguísticos de penetração e organização artística [...]. [Assim] de fato os escritores como que se preparavam, por esse meio, para um gênero maior e na aparência mais seguro por seu próprio inacabamento – o romance (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 47).

De acordo com Carlos Reis (2003, p. 21), no entanto, não é esse o caso de Lobo Antunes, *sendo a crônica tributária da ficção e não o contrário*. A afirmação assim colocada não leva em conta somente a questão da ordem cronológica de publicações do autor, diante da qual se explicita uma produção romanesca madura anterior à escrita das suas narrativas breves; mas, principalmente, a remodelação empreendida nas suas crônicas e que as torna originais no seu processo de construção narrativa:

A remodelação é [...] consequência da revisitação de um mundo que o escritor conhece por duas vias relacionadas entre si: pela experiência de vida e pela ficção que tem escrito, sobretudo aquela em que reconhecemos a marca forte da lembrança pessoal e do testemunho autobiográfico. Remodelar significa, então, neste contexto, plasmar de novo esse mundo, representá-lo com o suporte da memória e da ficção já escrita, mas procurando agora respeitar algumas das contingências enunciativas e pragmáticas que caracterizam a crônica: o curto alcance do texto, limitado na sua extensão, a consciência das expectativas de um público de jornal e a periodicidade da inserção cronística (REIS, 2003, p. 30).

¹ A “trilogia do Benfica”, compõem-se dos romances *Tratado das paixões da alma* (1990), *A ordem natural das coisas* (1992) e *A morte de Carlos Gardel* (1994), de acordo com entrevista que o autor concedeu a Rodrigues da Silva, para o *JL* de 13 de abril de 1994.

² A definição de autor “barroco” não poucas vezes o acompanhou, embora não lhe agradasse. Ver, por exemplo, entrevista no *JL* de 5-11 de abril de 1988, n° 300.

Por essas considerações, compreende-se que as crônicas de Lobo Antunes se constituem em um prolongamento renovado de sua escrita romanesca, na qual se encontra o testemunho da recordação pessoal e a *lógica e a dinâmica do fragmento*. *É esse que, por fim, domina o Livro de crônicas, como domina também, de forma evidentemente mais radical e elevada a uma complexidade de superior extração, os [seus] últimos textos* (REIS, 2003, p. 31).

Pode-se fazer, ainda, a mesma referência cruzada entre o universo da crônica e do romance de Lobo Antunes atentando-se para a configuração de seus personagens. Em sua maioria, eles vivem *num mundo desumanizado, enquadrados numa sociedade e numa época claramente marcadas por um embotamento dos sentimentos [...] o que dificulta e limita os diversos relacionamentos [...]* (MATEUS, 2003, p. 154-155). Um breve olhar sobre a diegese romanesca do autor é suficiente para atestar a precisão dessa caracterização sobre a realidade da existência de suas figuras ficcionais, e o mesmo se pode dizer de crônicas como “Edgar, meu amor”, “A solidão das mulheres divorciadas”, “O grande amor da minha vida”, “A propósito de ti”, “A véspera de eu morrer estrangulada”, para citar-se algumas do livro selecionado neste estudo. Com vistas a aprofundar, entretanto, tal dimensão crítica presente na cronística de Lobo Antunes, destacam-se, aqui, “Os meus domingos” e “Qualquer luz é melhor que a noite escura”, textos para os quais se apontam alguns sentidos que corroboram e potencializam as afirmações presentes nas citações já destacadas, a partir de um recorte mais direto sobre a temática da efemeridade na vida contemporânea.

Torna-se necessário explicitar que por efêmero se entende, sobretudo, a marca do descartável e facilmente substituível, quer dos bens de consumo, quer dos próprios relacionamentos humanos. Trata-se, como já mencionado, da realidade mais imediata colocada em ação pela sociedade pós-industrial, na qual, segundo Baudrillard (1995) *os homens [...] não se encontram rodeados, como sempre acontecera, por outros homens, mas mais por objetos* (p. 15 – grifo do autor). E continua o pensador francês:

O conjunto de suas relações sociais já não é tanto o laço com os seus semelhantes, quanto, no plano estatístico segundo uma curva ascendente, a recepção e a manipulação de bens e de mensagens [...]. Os conceitos de ‘ambiente’ e de ‘ambiência’ só se divulgaram a partir do momento em que, no fundo, começamos a viver menos na proximidade dos outros homens, na sua presença e no seu discurso; e mais sob o olhar mudo de objetos obedientes e alucinantes que nos repetem sempre o mesmo discurso – isto é, o do nosso poder medusado, da nossa abundância virtual, da ausência mútua de uns aos outros. (BAUDRILLARD, 1995, p. 15).

Essa ausência “de uns aos outros” é um dos sentidos centrais da crônica “Os meus domingos”, de Lobo Antunes. Com um narrador homodiegético, o texto dá voz a um homem que conta a sua rotina nesse último dia do final de semana, no qual ele sai com a família (a mulher Fernanda e o bebê Roberto Carlos), encontra os sogros e vão todos passear em um dos *shoppings* da cidade (em um Centro Comercial, como denominam preferencialmente os portugueses aos grandes conjuntos direcionados a centralizar o lazer e o consumo das pessoas). Vestidos todos uniformemente de acordo com as tendências consideradas as mais adequadas à classe média urbana, também se uniformizam os gestos e automatizam-se as ações dos sujeitos transformados em objetos vazios de sentido humano. A tal ponto que pouca diferença faz uma eventual troca de pessoas por um descuidado desencontro no caminho entre as vitrines:

Como a Fernanda e a Dona Cinda param em todas as montras de móveis e boutiques [...] acontece enganar-me e trocá-las por outra sogra acrílica, outra mulher [de roupa] roxa e verde e outra criança de laço, e sucede-me passar horas num banco, sem dar pela diferença, com uma Fátima e uma Dona Deta, a planear as prestações de um microondas e de um frigorífico novo, seguir para Alverca, jantar o frango da Casa de Pasto e a garrafa de Sagres de costume, e só na terça-feira, quando vou a sair para a Junta, a minha esposa informa, envergonhada, que mora em Loures ou na Bobadela, o Roberto Carlos se chama Bruno Miguel, e deu pelo engano, há cinco minutos, porque a minha Última Ceia é de estanho e a dela de bronze. Claro que corrigimos o erro no domingo seguinte, em volto para casa com uma Celeste e um Marco Paulo [...] (ANTUNES, 1998, p. 60).

Essa incapacidade do estabelecimento de relações verdadeiramente humanas associa-se com a perspectiva de Baudrillard de que, na ordem da vida moderna, *deixou de haver espelho em que o homem se defronte com a própria imagem para o melhor ou para o pior; existe apenas a vitrina – lugar geométrico do consumo [no qual se deixa] absorver e abolir*. O sujeito de consumo é a ordem dos sinais (BAUDRILLARD, 1995, p. 206 – grifos do autor).

Diante desse contexto, compreende-se que o narrador-protagonista da crônica de Lobo Antunes seja apenas capaz de esboçar certo cansaço com as trocas incontornáveis, preferindo ficar com a última mulher, que cozinha melhor do que as outras que já teve, e o último filho do mais recente domingo, até que ele se torne o sogro que será convidado a passear no Centro Comercial: *Como nessa altura devo andar a dieta de sal por causa da tensão qualquer peixe grelhado me serve* (ANTUNES, 1998, p. 60).

Transformado em autômato do consumismo, o homem reifica-se na impossibilidade de uma existência alicerçada minimamente sobre o terreno das emoções humanas. Até mesmo os filhos tornam-se bens de consumo, como nas considerações de Bauman (2004, p. 59): *esta é uma época em que um filho é, acima de tudo, um objeto de consumo emocional*. Nesse sentido:

Objetos de consumo servem a necessidades, desejos ou impulsos do consumidor. Assim também os filhos. Eles não são desejados pelas alegrias do prazer paternal ou maternal que se espera que proporcionem – alegrias de uma espécie que nenhum objeto de consumo, por mais engenhoso e sofisticado que seja, pode proporcionar. Para a tristeza dos comerciantes, o mercado de bens de consumo não é capaz de fornecer substitutos à altura, embora essa tristeza seja de alguma forma compensada pelo espaço cada vez maior que o mundo do comércio vem ganhando na produção desses bens (BAUMAN, 2004, p. 54).

Já não incidindo diretamente sobre o plano do consumismo que mercantiliza todas as relações, crônica “Qualquer luz é melhor que a noite escura”, no entanto, igualmente enfoca os limites da realização humana diante de uma realidade social entrincheirada na mesmice do tédio, consequência de uma vida vazia de afetividade e minimamente gratificante com relação aos sentidos da existência.

A partir das reflexões de um também narrador-protagonista, o título dessa crônica remete ao estribilho de uma música americana reiteradamente presente na sua memória, quando se encontra acordado em uma noite que o filho começou a chorar e a mulher continua a dormir e, para acalantar a criança, leva-o para a cozinha a ver a rua quieta. Daí avista o seu automóvel, ao lado de outro cujo dono

aos domingos, em calções, tira o pano e gasta horas a limpar o carro com uma esponja. Nunca sorri. Limpar o carro é para ele o ato mais importante deste mundo. Quando acaba [...] regressa passada meia hora com a família atrás. Passeiam até o jantar orgulhosos da sua maravilha asseada (ANTUNES, 1998, p. 337).

E novamente o refrão em sua cabeça: *Qualquer luz é melhor que a noite escura* (ibidem, p. 337). Seguem-se as impressões do narrador-personagem sobre a repetição dos atos da mulher no cotidiano, da mesma forma como se repetem as suas reflexões e a construção narrativa do texto.

Em meio a essa circularidade asfíxiante, contudo, o homem que dá voz à crônica se questiona sobre os motivos de permanecer ali, naquela vida sem perspectivas afetivas, na qual até o filho, ao tornar a dormir, possui *uma expressão de desdém* (ibidem, p. 338). Na verdade, o problema

é que não se trata de um efetivo questionamento, mas perguntas que lhe surgem: *Não inquietações. Perguntas. A minha mãe costumava dizer-me Quando fores mais velho hás-de compreender. Não devo ter envelhecido seja o que for dado que não compreendo nada* (p. 338). Decorrem desse último pensamento alguns “farrapos de lembranças”, da infância, da avó que tentava impedir a presença da morte tapando os espelhos quando alguém morria na família, até o seu falecimento, quando então *a morte passou a encontrar-se à vontade nos espelhos da casa* (ibidem, p. 368). Como para espantar qualquer possibilidade de pensamento transcendente, ele se volta à certeza de que logo irá para a cama, para o quarto cercado de objetos *reais. Agradáveis. Verdadeiros*. [...] *Já não penso em nada* (p. 369). Com a canção a repetir-se em seus ouvidos, sente-se, por fim, resvalar para essa atmosfera de sono e na última frase do texto pensa: *Mesmo que apareça uma rapariga muito bonita não hei-de abandonar a minha vida* (p. 369).

O título e refrão dessa crônica remetem a um dos romances que marcaram a culminância da fragmentação e do lirismo presentes nas últimas criações literárias de Lobo Antunes: *Não entres tão depressa nessa noite escura* (2000). Não há aqui espaço, nem cabe aos objetivos deste estudo proceder a uma leitura analítica dessa ficção que o autor designou como “poema” e cujo título provém de versos de Dylan Thomas. O que não se pode deixar de apontar, no entanto, é a correlação da modelização da escrita de Lobo Antunes nesses dois gêneros narrativos, como mencionado por Carlos Reis (2003), em que a fragmentação do tecido textual é análoga à fragmentação da memória das personagens (no romance, é Maria Clara a protagonista que, em meio a uma profusão de outras vozes, possui a prerrogativa de costurar os frágeis fios da trama narrativa).

Se atentarmos para os versos de Thomas: *Não entres nessa noite acolhedora com doçura/Odeia, odeia a luz cujo esplendor já não fulgura*, estabelece-se o sentido da morte que, no romance, constitui-se em contraponto à incapacidade da vida restituir-se pela memória. Ou por outras palavras, o contrário da morte não é a vida, mas o esquecimento dos sentidos da existência, como se encontra nessa segunda crônica: a incapacidade de se reconstituir os nexos das relações humanas em um mundo regido pela esterilidade de sentimentos.

Por fim, ressalta-se que o caráter de permanência que ganham as crônicas ao constituírem o livro possibilita um aprofundamento ainda maior das reflexões sobre os temas e procedimentos estéticos trabalhados pelo autor. Desse modo, contornando a efemeridade do gênero, no seu *Livro de crônicas* encontra-se um olhar agudamente crítico diante da realidade efêmera que tende a desumanizar a vida contemporânea.

Referências

- ANTUNES, António Lobo. *Livro de crônicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.
- ARRIGUCI JR., Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CANDIDO, Antonio et al. *A crônica – O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CABRAL, Eunice. Memória e consciência do tempo na narrativa de Lobo Antunes. In: CABRAL, Eunice; JORGE, Carlos J. F.; ZURBACH, Christine. *A escrita e o mundo em António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote/Évora: Universidade de Évora, 2003.
- MATEUS, Pedro Manuel. A infância cronística de António Lobo Antunes. In: CABRAL, Eunice; JORGE, Carlos J. F.; ZURBACH, Christine. *A escrita e o mundo em António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote/Évora: Universidade de Évora, 2003.
- REIS, Carlos. António Lobo Antunes: uma casa de onde se vê o rio. In: CABRAL, Eunice; JORGE, Carlos J. F.; ZURBACH, Christine. *A escrita e o mundo em António Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote/Évora: Universidade de Évora, 2003.
- RODRIGUES, Ernesto. *Crônica Jornalística – século XIX*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2004.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1987.
- SANTANA, Maria Helena. A crônica: a escrita volátil da Modernidade. In: JESUS, Maria Saraiva de. (Coord.). *Rumos da narrativa breve*. Aveiro: Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, 2003.
- SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. *As razões do imaginário*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/EDITUS, 1998. Anexo I, p. 2.
- VENÂNCIO, Fernando. *Crônica Jornalística – século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2004.

Recebido: 09 julho de 2009
Aprovado: 25 agosto de 2009